

“Crise não pode nos abater”

por Alexandre Pinheiro
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso quer aproveitar a sua viagem aos Estados Unidos para discutir com o presidente Bill Clinton mecanismos de controle dos movimentos especulativos de capitais. “A crise do México, por exemplo, impõe novas e complexas tarefas para o sistema financeiro internacional”, escreveu Fernando Henrique, em carta enviada a Clinton na última quarta-feira.

A carta é uma resposta a correspondência enviada pelo presidente americano no final de dezembro, elogiando os resultados da reunião da Cúpula das Américas e a participação de Fernando Henrique. Nela, o presidente brasileiro ressalta o “legado” do encontro, ressaltando que os países do hemisfério não podem deixar-se abater pelas crises econômicas e políticas que aconteceram em alguns países americanos nos últimos meses.

Fernando Henrique reafirmou que “a volatilidade e mobilidade do fluxo de capitais em escala global mostram como mudanças na percepção dos agentes fi-

nanceiros podem rapidamente retirar de um determinado país recursos que não apenas o deixam em posição de extrema vulnerabilidade, mas também acabam repercutindo sobre outros mercados”. A seguir, a íntegra da carta:

*Excelentíssimo Senhor
William Clinton,
Presidente dos Estados Unidos
da América
Senhor Presidente.*

Foi com satisfação que recebi sua carta de 28 de dezembro último, em que comenta o êxito dos resultados alcançados na Cúpula das Américas e faz comentários generosos sobre a participação brasileira. Em geral, e minha em particular.

Foi, de fato, movido por ânimo positivo que o Brasil participou em todas as fases do processo preparatório da Cúpula, não apenas enquanto delegação individual, mas também como coordenador do Grupo do Rio e como presidente pró-tempore do Mercosul, funções que exercia na época com invariável espírito de colaborar para que o encontro produzisse os resultados que afinal puderam ser alcançados.

Partilho inteiramente sua visão de que Miami deixou importante legado, que agora nos cabe implementar, sem que nos deixemos abater pelas crises econômicas e políticas que afetaram alguns países do hemisfério após a Cúpula. Pelo contrário, o mesmo sentido de solidariedade que esteve presente em Miami deve

guiar-nos nos encaminhamento das situações atuais e prevenção de novas crises.

A crise do México, por exemplo, impõe novas e complexas tarefas para o sistema financeiro internacional. A volatilidade e mobilidade dos fluxos de capitais em escala global mostram como mudanças na percepção — corretas ou não — dos agentes financeiros podem rapidamente retirar de um determinado país recursos que não apenas o deixam em posição de extrema vulnerabilidade mas também acabam repercutindo sobre outros países. A evolução dos mercados exige mudança de atitude da parte dos governos, que, a meu ver, dentro de uma perspectiva preventiva, devem promover estreita cooperação entre as autoridades monetárias e Tesouros, em escala global, bem como maior coordenação de políticas macroeconômicas.

Sobre esse tema, tenho conversado com diferentes personalidades internacionais e pretendo explorá-lo em meus encontros com Vossa Excelência durante minha próxima visita a Washington, em abril. Teremos, então, oportunidade de retomar todos os temas da agenda de Miami e de juntos planejarmos a contribuição que nossos países podem trazer para a implementação do que Vossa Excelência tão apropriadamente chamou de “Agenda Hemisférica para o Século XXI”.

*Atenciosamente,
Fernando Henrique Cardoso
Palácio do Planalto, Brasília, em
12 de abril de 1995*